

MÚSICA PARAENSE LGBTQIA+ COMO RESISTÊNCIA: instrumento de divulgação da Luta LGBTQIA+¹

Antônio Couto de Oliveira NETO ²

Luis Henrique Guimbal de Aquino Vieira GOMES³

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso quer saber se a música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ pode ser um instrumento para divulgar a luta e a resistência LGBTQIA+, vamos falar sobre o começo dessa música nos anos 80, fazer uma rápida história sobre o movimento LGBTQIA+, desde todas as mudanças que a sigla sofreu e o começo desse movimento de luta, também vamos falar sobre os corpos políticos de pessoas trans e, por fim, vamos entrevistar 13 artistas diversos que são LGBTQIA+ do estado do Pará para chegar à conclusão dessa pesquisa.

Palavras-chave: resistência; gênero; sexualidade; representatividade; movimento social; humanidade.

INTRODUÇÃO

“Toda mudança em favor da justiça e da igualdade começa quando entendemos melhor quem são as outras pessoas, e o que elas vivem, superando mitos e medos. Sem respeito à identidade de cada um(a), não garantimos a cidadania das pessoas e, silenciosamente, calamos sonhos, esperanças, aumentamos os desafios que as pessoas têm de enfrentar na vida.” Jaqueline Gomes de Jesus

Um dos cenários mais expoentes de uma atual música brasileira está localizado no estado do Pará, de onde vem uma música vibrante, energética e obviamente dançante, estado

¹ Artigo final apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Publicidade da Faculdade Estácio FAP.

² Graduado em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade Estácio do Pará.

³ Professor Orientador do Trabalho. Publicitário, Diretor de Criação. Professor de graduação e pós-graduação em Comunicação e Design da Estácio do Pará. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura. Especialista em Arte Educação. Aluno de Computação e Artes Visuais. E-mail: arteluisgomes@gmail.com

onde nasceram vários ritmos como Siriá, Tecno Brega, Lundu, Retumbão e Carimbó (que recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN), é um estado cheio de musicalidade e com aproximadamente 8.602.865 pessoas vivendo nele de acordo com o IBGE, é tudo que esse trabalho de conclusão de curso precisa, em um estado tão populoso vamos falar sobre o bem-estar da população LGBTQIA+ dele, queremos descobrir principalmente se a música brasileira feita no Pará pode ser uma aliada para divulgar a luta da população LGBTQIA+ e assim ajudar essa população em sua luta por conquista de direitos, igualdade, segurança pública e, principalmente, liberdade.

Nesse trabalho de conclusão de curso o autor da pesquisa tem uma relação direta com o assunto por ser cantor e compositor LGBTQIA+, ele é o primeiro cantor LGBTQIA+ a ter dado um beijo homoafetivo em um clipe, é ativista LGBTQIA+ e usa sua música como instrumento de resistência, em seus clipes fala sobre sua vivência, sobre se reconhecer tardiamente como LGBTQIA+, diversidade e apoio as minorias, tendo como principal foco a representatividade e criação de redes de luta.

No primeiro capítulo vamos fazer um resumo sobre o começo dessa música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+, principalmente vamos falar sobre Eloi Iglesias um dos expoentes e grande nome da música brasileira feita no Pará, único LGBTQIA+ representante da música brasileira feita no Pará nos anos 80 que ainda está vivo, desde os anos 80 que ele vem quebrando o padrão normativo de moda, gênero e sexualidade, nesse trabalho de conclusão de curso vamos falar sobre seu maior sucesso em sua carreira a música “Pecados de Adão” e vamos poder conferir no decorrer desse trabalho que o próprio se refere a sua música como um dos maiores clássicos da música brasileira feita no Pará, assim com toda essa representatividade, vamos falar o quanto é representativo ter aparecido uma pessoa como Elói para abrir portas para a atual cena da música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+, inclusive vamos ouvir do próprio Elói que quando ele começou teve alguém que abriu portas pra ele.

Sendo assim, vamos questionar sobre as melhoras que essa representatividade traz de alguma forma para a população LGBTQIA+, melhoras desde ajudar essa população a se informar, se aceitar, se libertar e se questionar. Vamos também explicar o significado da sigla LGBTQIA+, suas transformações no decorrer do tempo, a questão que hoje ela englobar sexualidade e gênero, que são dois polos bem diferentes, além de explicar o significado de

cada letra da sigla e, através de Jean Wyllys, contar sobre a “rebelião de Stonewall” que ocorreu em Nova York em um bar chamado Stonewall Inn que foi o começo do movimento LGBTQIA+, e, lógico, falar rapidamente sobre essas lutas das minorias em busca de igualdade e suas consequências

Já no segundo capítulo vamos falar sobre alguns fatores que incentivam a música brasileira feita no Pará como as várias manifestações populares que existem no estado do Pará que incentivam o aumento da cena artística do estado, vamos falar sobre o fator da existência desses artistas LGBTQIA+, com seus corpos políticos que, por existir, eles já se tornam artistas resistentes, principalmente quando se trata das pessoas que se identificam com o T na sigla LGBTQIA+, através do relato da artista Lih da Quebrada e com ajuda do mestrando e ex-deputado federal do Rio de Janeiro Jean Wyllys em seu livro Tempo Bom Tempo Ruim de 2014, vamos mostrar as dores e as dificuldades em fazer parte da sigla T, o fato de carregar um corpo que está completamente fora dos padrões normativos de gênero, um corpo político que não tem como se esconder, que encara de frente em todos os momentos de sua vida o preconceito da sociedade, junto com isso vamos falar sobre toda violência e os riscos que essa população sofre, invisibilidade e visibilidade ao mesmo tempo

No terceiro capítulo, depois de entender um pouco de toda violência que essa população LGBTQIA+ sofre, vamos falar sobre a diversidade dos nossos entrevistados, entender ainda mais suas vivências na sociedade e na música, mostrar suas lutas e o caminho que eles percorrem contra a opressão que eles sofrem, também infelizmente vamos falar da falta de representatividade da música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ que ainda não contempla todas as letras da sigla da nossa comunidade e vamos citar os nomes de todos os 13 artistas LGBTQIA+ escolhidos para serem entrevistados nesse trabalho.

No último capítulo iremos entender, através das entrevistas com os artistas LGBTQIA+, como o público e a população LGBTQIA+ do estado do Pará absorve essas músicas, além de entender todos os resultados de algumas perguntas importantes do questionário para entender se a música brasileira feita no Pará é um instrumento de resistência e ajuda na luta LGBTQIA+, além de saber se essa música ajuda no bem-estar desses artistas e da população LGBTQIA+.

1 CAPÍTULO – EXISTÊNCIA DE LGBTQIA+ NA MÚSICA BRASILEIRA FEITA NO PARÁ

“O movimento homossexual entrou em cena no final de 1960 e início da década de 1970, na luta contra a ditadura militar, e, mais tarde, em diálogo com os movimentos sociais nascidos durante o processo de transição para a democracia, na década de 1980 (...) Foi também nessa década que o movimento enfrentou a epidemia da AIDS e concentrou-se na busca de respostas coletivas ao seu combate, promovendo mudanças nas políticas públicas de saúde.” (Vianna, 2015, p.797).

Esse trabalho de conclusão de curso se baseia na obra da filósofa estadunidense Judith Butler para falar sobre gênero e identidade *apud* Maria Irene Delbone Haddad e Rogerio Delbone Haddad, Butler quis retirar da ideia de gênero a ideia de que ele decorreria do sexo e discutir em que medida essa distinção sexo/gênero é errônea e ela ainda fala que “gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos; é antes uma identidade tenuemente constituída no tempo”, portanto, podemos falar que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

1.1 Sonhos contidos nos pecados de Eloi

Por falar em cultura, principalmente na história da cultura na música Brasileira feita no Pará por LGBTQIA+, vamos falar de Eloi Iglesias um dos primeiros nomes LGBTQIA+ que ainda está vivo da música brasileira feita no Pará a se vestir fora dos padrões normativos de gênero (pode se comprovar na foto abaixo) e falar abertamente de uma maneira natural sobre sua sexualidade, o próprio comentou "eu sempre fui assim, nunca foi preciso dizer pra minha mãe que eu era gay", seu confronto com a sociedade normativa se estabeleceu de uma forma natural, sem ter como fugir das suas origens, ele apenas era ele mesmo, assim ele seguiu na música sem pedir permissão, como diz Jean Wyllys no seu livro Tempo Bom, Tempo Ruim “num país preconceituoso como o nosso, há uma dificuldade maior para os homossexuais

alcançarem a felicidade; todavia, parece-me mais difícil viver na vergonha, fechado no armário. À medida que nos assumimos gays, colocamos em questão a heteronormatividade vigente. Passamos da vergonha para o orgulho” esse orgulho que só aumentou nos anos 80, quando ele obteve seu grande sucesso com a música “Pecados de Adão” que como o cantor se tornou sucesso sem pedir licença. " As pessoas achavam que nem era eu, achavam que era o Cazuzza, né?! E aí na verdade quando as pessoas caíram na real a música já tinha acontecido e acabou virando um hit, virou um hino, virou essa coisa aí, que virou um clássico, agora é um clássico" pelas palavras do próprio Eloi um dos maiores clássicos da música brasileira feita no Pará nos anos 80 é a música “Pecados de Adão” e é composta e cantada por um homem cis gay em pleno anos 80.



Imagem 1 - Registro do evento Rock 24 Horas, no Teatro Waldemar Henrique no final da década de 80.

“Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isso não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sócias. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social,

produzindo efeitos sociais reais.” Pag 182, Denys Cache em seu livro A Noção de Cultura nas Ciências Sociais.

O quanto se torna representativo para história da música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ ter o Elói como cantor e compositor de um dos maiores clássicos dessa música, o quanto ele pode ter inspirado e encorajado outros artistas que não se encaixavam em um padrão normativo da sociedade a começarem uma carreira na música?! Ou quanto ele pode ter encorajado e inspirado pessoas a se assumirem LGBTQIA+, o simples fato de ele existir e ocupar espaço no mercado musical, já o torna um ato político, como Jean Wyllys disse ”Ainda que o fato de se assumir publicamente não livre o homossexual de toda discriminação, somente a aceitação e a valorização de si mesmo podem servir de apoio a uma resistência eficaz contra as agressões e a estigmatização dos homossexuais em nossa sociedade.”, só do Elói existir, ele já resiste, se torna resistência e por isso nesse trabalho de conclusão de curso é tão importante falar sobre os que já estão resistindo há muito tempo na música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+, é preciso falar sobre os que abriram as portas para os atuais artistas LGBTQIA+, o próprio Elói teve em que se inspirar, teve alguém que abriu a porta pra ele, em um vídeo no Youtube do Programa no Tucupi ele fala "Valter Bandeira que na verdade eu acho que foi a pessoa que abriu a porta pra eu fazer o tipo de trabalho que eu faço, que eu posso falar, que eu posso me expressar, que é uma coisa né?! Do artistas!" (Vídeo: Papo no Tucupi com cantor Eloi Iglesias às 26:57 do vídeo)

1.2 A sobrevivência marcando presença na história da sigla.

Durante todo esse tempo a palavra representatividade só aumentou, aumentou para outros gêneros e sexualidades, por isso é importante analisar a sigla LGBTQIA+ e suas mudanças. Jean Wyllys no capítulo “As Lições de Stonewal“ explica o começo da organização do movimento LGBTQIA+ “Em 28 de junho de 1969, ocorreu em Nova York uma série de conflitos violentos entre homossexuais e a polícia americana. Iniciado em um bar chamado Stonewall Inn e prolongando-se por vários dias, o episódio ficou conhecido como a “rebelião de Stonewall” e se tornou um marco na defesa dos direitos civis LGBT. Gays, travestis e lésbicas, cansados das frequentes humilhações e agressões físicas por parte

da polícia local, reagiram em nome de sua dignidade, inaugurando uma nova fase do movimento homossexual, no rastro de outras manifestações de contracultura do final dos anos 1960 e início dos 1970, como o movimento hippie, o feminismo e a luta pela afirmação dos direitos civis dos negros. O levante de Stonewall inspira até hoje as paradas LGBT em todo o mundo”.

Até chegar em LGBTQIA+ dos anos 90 para cá nos usávamos um outro termo pra se referir a essa população: GLS, abrangendo Gays, Lésbicas e Simpatizantes, então os bissexuais, trans e as outras pessoas que estão nas outras letras não eram representados a não ser por uma simpatia.

João Silvério Trevisan relata em seu livro *Devassos No Paraíso*, terceira edição, sobre a 3º PARADA do orgulho GLBT e explica rapidamente seu significado ““Em São Paulo, durante a 3º PARADA GLBT (GAYS, LESBICAS, BISSEXUAIS E TRANSGÊNEROS)”, então saber que a nossa sigla mudou de GLBT pra LGBTQIA+ tem alguns sintomas pra nos informar, o primeiro é que o G deixa de ser a letra que abre a sigla, se antes havia essa ideia de uma proeminência, na nossa nova sigla ela deixa de existir e a gente abre a porta para as mulheres estarem a frente, uma maneira importante de juntar a luta LGBTQIA+ e a luta feminista, outra questão muito sintomática é a adição de novos termos, é somente natural que assim como os nossos mercados se abriram pra outros tipos de cabelos, outros tipos de pele, outros tipos de corpos, eles também se abriram pra outros tipos de sexualidades, agora um ponto que torna o assunto um pouco mais complexo é um fato que a sigla hoje inclui tanto gênero e tanto sexualidade e isso confunde muito as pessoas porque são dois polos que não tratam da mesma coisa, umas das maiores estudiosas sobre gênero, a filósofa Judith Butler explica em seu livro *Problemas de Gênero* que “Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”.

Portanto, Butler questiona sobre a diferença entre sexo e gênero, a filósofa fala que “Concedida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o

resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.“

Ao falar de gênero estamos falando sobre a sigla T representada por transexuais, travestis, transgêneros e outras pessoas que se encaixam nessa nomenclatura, quando a gente fala na letra T fala-se de gênero e ele é sua expressão de nascimento e sobre o seu papel na sociedade e “trans” é uma partícula grega que quer dizer além, por exemplo "transatlântico", alguma coisa que cruza o atlântico, "transgênero" é o que está além do gênero, "transexual" está além do sexo.

Em seguida, há o Q de Queer, pessoas Queer são pessoas que não se identificam com padrões binários de gêneros, vão além dos rótulos da sociedade coloca e essas pessoas mesmo se definem no decorrer da sua vida, assim chegamos no I que designa pessoas Intersexuais, são pessoas que olhando ou não, não têm genitálias ou aparelhos sexuais, ou aparelhos reprodutores e reprodutivos que dizem respeito a uma nomenclatura binária, um exemplo seria uma pessoa que nasce com uma genitália feminina e, no entanto, com um aparelho reprodutor masculino e vice e versa, inclusive isso é muito normal, essa sigla é muito importante pra que a gente entenda que corpo físico não define gênero nem sexualidade. Como Butler fala “Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.” Agora chegamos ao A que designa pessoas que são Assexuadas, o "a" é uma partícula de negação, então Assexual é a pessoa que não se sente apta, capaz ou a fim de performar sexualidade nunca, por fim chegamos ao "+", quando chegamos no “+” fala-se de pessoas Demisexuais, Pansexuais, Intrasexuais e assim essa população se tornou mais inclusiva e fez valer a existência de toda essa diversidade e de suas identidades.



Imagem 02 - Bandeira do Orgulho Transgênero

Jaqueline Gomes de Jesus explica em seu livro que a bandeira trans tem como autora Mônica Helms onde explica a origem das cores, azul para meninos, rosa para meninas, branco para quem está em transição e para quem não se sente pertencente a qualquer gênero. Simboliza que não importa a direção do seu voo, ele sempre estará correto!

Denys Cache fala no seu livro *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais* na página 183 que “Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe aquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não poderia evoluir. Trata-se então de uma mudança radical de problemática que coloca o estudo da relação no centro da análise e não mais a pesquisa de uma suposta essência que definiria a identidade”.

“Acredito que é possível construir e manter espaços de resistência política, cultural e social. As Paradas do Orgulho LGBT, como celebrações legítimas, precisam conquistar a estima da sociedade e afirmar seu intento de reivindicar direitos civis de lésbicas, gays, bissexuais e travestis e transexuais” Jean Wyllys no seu livro *Tempo Bom Tempo Ruim* 2014.

“Sempre que uma minoria reivindica direitos ou procura influir na organização de relações que a oprimem e estigmatizam, os “guardiões da ordem social” — que, claro, gozam de privilégios nessa ordem estabelecida — opõem-se a tais reivindicações, às transformações e ao progresso que elas podem trazer”. Quando Jean Wyllys no seu livro *Tempo Bom Tempo Ruim* fala disso, ele reafirma essa eterna luta do oprimido contra seus opressores, essa luta que sempre andou de mãos dadas com a música, seja para dar espaço e visibilidade para pessoas fora do padrão normativo, seja para fazer parte de momentos históricos, como o movimento da tropicália, do samba, MPB e também serviu como uma maneira de criticar regimes como o da Ditadura Militar no Brasil.

2 CAPÍTULO - TRANS-FORMANDO-SE PELA MÚSICA

“Não é possível fazer um conceito de travesti, não é possível fazer uma entrada no dicionário e circunscrever os sentidos sobre travesti como uma nosologia. Por isso não é possível fazer um laudo com diagnóstico de travestilidade. A travestilidade resiste ao laudo, não é passível de ser escrita. Travesti é o próprio devir do gênero; liberando a travesti do pensamento liberamos o gênero da patologia, do sistema fático e cissexista. Pane no sistema“ (Bagagli, 2015).

É preciso falar sobre toda riqueza cultural que existe no estado do Pará e como ela pode incentivar a música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+. No Pará a música anda ao lado do teatro, do batuque e da religiosidade, tudo isso pode se encontrado em várias grandes manifestações populares de cultura como os Cortejos Juninos e do Círio do Arraial do Pavulagem, como a Marujada de São Benedito, como Círio de Nazaré entre outras tantas mais, todas essas manifestações que acontecem na rua estão permeadas de músicas e, inclusive, acabam inspirando na criação de outras músicas, sendo assim todas essas manifestações se tornam um grande incentivador da música brasileira feita no Pará.

Outro ponto é a variedade de ritmos e sonoridades características do estado do Pará, uma sonoridade amazônica que, por morarem em Belém, todos os artistas acabam bebendo dessa cultura. Então claramente temos a região do estado do Pará com sua rica cultura como um dos incentivadores do surgimento de artistas LGBTQIA+ na música, outro ponto fundamental para se falar é a própria existência de certos artistas no mundo, o fato de existir



faz os artistas já serem resistentes, principalmente no caso do T da sigla LGBTQIA+, Jean Wyllys fala no seu livro “Tempo bom, tempo ruim” sobre as pessoas trans e sobre o maior preconceito que elas sofrem “As palavras “visibilidade” e “invisibilidade” são bastante significativas para nós, LGBT. Pertencer a essa sopa de letras que é a comunidade é transitar, ao longo da vida, entre a invisibilidade e a visibilidade. Se para nós, gays e lésbicas, ser visível implica se assumir publicamente, ou seja, passar da vergonha ao orgulho de nossa orientação sexual (nossa forma de amar e desejar sexualmente), sair do armário que torna invisível — às vezes, aos nossos próprios olhos — nosso desejo, para as pessoas transexuais, travestis e transgêneros, a visibilidade é compulsória a certa altura da vida. Isso porque, ao contrário da orientação sexual, que pode ser ocultada, a identidade de gênero é experimentada pelos trans como um estigma que não se pode esconder. Transexuais e travestis não têm como se esconder em “armários” a partir de certa idade. Por isso, em muitos casos, mulheres e homens trans são expulsos de casa, da escola, da família, do bairro, até da cidade. O preconceito e a violência que sofrem são muito maiores.”

Jaqueline Gomes de Jesus é doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília – UnB e fala que as pessoas que se identificam com alguma das expressões da transgeneralidade enfrentam um primeiro desafio: reconhecer a si mesmas e fazer decisões pessoais sobre se e quando irão se apresentar aos outros da forma como se identificam. Cada um(a) tem o seu tempo.

É preciso compreender que essa atitude não é simples de se tomar, nem fácil de pôr em prática, porém é necessária, para que elas possam ser quem são por inteiro, entre seus amigos, na família, no trabalho, na rua. (pág 19)

Então imagine ter como umas das maiores revelações da música brasileira, uma travesti, que se orgulha da sua feminilidade e negra, não precisa imaginar, pois ela existe e se chama Linn da Quebrada, que disse em uma entrevista no canal do Youtube do Nexo Jornal: "Acho que é muito importante esse movimento que está acontecendo que de uma certa forma nos da referencia , nos da representatividade, mas a representatividade tem limites, acho que é importante que a gente perceba que nos somos atuantes desse sistema, que nos somos agentes de cultura, cada uma de nos, independente do lugar em que estamos ocupando né? O meu corpo é político, mas o seu corpo também é político, eu estou agindo, eu estou atuando no meu papel e no meu espaço em cima de um palco, fazendo musica, no cinema, em alguns

lugares, mas o seu papel como jornalista, o seu o papel enquanto pessoa que esta assistindo, enquanto pessoa que consome música, enquanto pessoa que impulsiona né?! E estimula determinadas coisas, ai é importante que a gente pergunta qual é a tua ação politica, quais são os seus espaços de atuação nesse movimento denominado LGBT, TLGB, MPBIXA MPTRANS nas músicas não é algo novo, mas acho que é importante de uma certa forma dar nome a isso, por que eu acredito que ganha uma certa força, é interessante que a gente se enxergue enquanto grupo, que a gente por mais diferente e por mais singulares e plurais que sejam as pessoas que pertençam a esse grupo né?! Mas acho que isso faz com que a gente possa se conectar e inclusive se estabelecer melhor e pensar em ações e estratégias também de desarticular e de nos articular também, mas acho ao mesmo tempo que a gente tem que perceber que esse movimento de dar nomes a nos é sempre de uma certa forma da nome ao que é exceção, por que ninguém da um nome a música hétero normativa, não se fala. O grupo heteronormativo, a cena heteronormativa e a cena LGBT, ou o elenco branco de atores, o elenco, o elenco negro" né?!" o branco, o normativo, o padrão nunca é denominado ele continua sendo o universal, o todo poderoso e acho que a gente tem que abrir mais os nossos olhos também os nossos ouvidos pra perceber as pessoas e artistas que estão próximas a nos e que nos não necessariamente valorizamos e legitimamos enquanto arte, ate que nos digam que aquilo é arte, seria inocente da nossa parte pensar que nos somos as pioneiras né?! tanto a falar sobre nos desse grupo e dessa diversidade né?! e dessa pluralidade quanto a pensar em música, em arte, cinema e tudo mais, a gente não ta só falando e só produzindo, não é necessariamente música arte LGBT, ainda que eu cantasse ou que eu fizesse qualquer outras coisas eu ainda seria esse corpo, eu ainda seria essa bicha travestir, cantando quaisquer outras coisas, produzindo qualquer outras coisas, mas acho que nos delimitar e nos colocar como um tema a ser esgotado é muita crueldade também, porque eu não sou um tema, eu não vou ser esgotada, eu estou produzindo sobre as minhas inquietações que são inclusive muito maiores que eu".

É bastante compreensível e explicado pela Linn da Quebrada que independente da sua profissão o seu corpo é político, diz e representa muita na sua luta e de sua comunidade, por isso quando um corpo travesti ocupa espaço na música, sua existência nesse espaço já o torna político e um instrumento de representatividade e resistência na música.

“Travestis e transexuais são invisíveis nas festas de formatura: abandonam a escola por não suportarem o bullying; são invisíveis nas universidades, já que pouquíssimos conseguem ingressar em uma; são invisíveis no mundo do trabalho: têm enorme dificuldade para serem aceitos nos empregos e, além disso, no caso das travestis, a sociedade parece acreditar que a prostituição é seu emprego “natural”, como se isso não fosse produto da discriminação que lhes impede o acesso a outras profissões.” Jean Wyllys no seu livro Tempo Bom Tempo Ruim 2014

Infelizmente a violência está presente em todas as letras da sigla LGBTQIA+, mais uma vez vamos citar o livro Lado Bom Lado Ruim de Jean Wyllys para falar que o simples fato de se assumir LGBTQIA+ já carrega em si risco para a pessoa: “São inúmeras as profissões ou ambientes de trabalho em que gays e lésbicas são obrigados a negar ou dissimular sua sexualidade para não sofrerem violências simbólicas e concretas, sendo a maior delas a demissão”. Jean também fala de um caso terrível de violência que nos faz refletir: “No momento em que termino este texto, leio em O Globo que uma criança de oito anos foi espancada até a morte pelo próprio pai, no Rio de Janeiro, porque gostava de dança do ventre e de lavar louça; o pai a espancou para que “tomasse jeito de homem”. Alex teve o fígado dilacerado de tanto apanhar. Sei bem que o menino não é o único a conhecer sorte tão trágica motivada por homofobia. Conheço bem as estatísticas dos crimes homofóbicos, ainda que sejam imprecisas, certamente. Mas é a imagem de Alex beijando a barriga de sua mãe grávida que tenho hoje diante dos olhos, bem como o relato da violência que ele sofreu. Como não pedir ao leitor que pense nele? Como não pedir ao leitor que jamais se esqueça de que não são só políticas e identidades que estão em jogo, mas, antes, afetos e vidas?”.

Nesse trabalho de conclusão de curso também queremos fazer as pessoas pensarem, pensarem nas pessoas que mais precisam, que mais sofrem e que historicamente sempre sofreram opressão de uma sociedade heteronormativa, patriarcal e preconceituosa,

“pois racismo e homofobia são manifestações daquilo que alguns homens e mulheres têm de pior: a vontade de negar a humanidade do outro, o desejo de exterminar o diferente”.
Jean Wyllys Tempo Bom Tempo Ruim 2014.

3 CAPÍTULO – CONHECENDO E ENTREVISTANDO A CENA BRASILEIRA FEITA NO PARÁ POR LGBTQIA+



Por entender tantas dificuldades que a população LGBTQIA+ sofre que nesse trabalho de conclusão de curso espera-se saber por meio de entrevistas como os LGBTQIA+ que fazem música brasileira feita no Pará usam suas músicas como instrumento de resistência, seja pelo simples fato de existir, seja adicionando críticas em suas letras e sonoridades ou em seus próprios discursos e atos como cidadãos políticos que são. Queremos saber como a música pode ter melhorado a vida dessa população e dos próprios artistas, como esses artistas LGBTQIA+ que fazem música brasileira feita no Pará se mantêm vivos em um país que quase todo dia tem registrado violência e até morte de LGBTQIA+ por LGBTQIA+fobia, como essa música atinge e dialoga com um grande público nas redes sociais e também com a própria população LGBTQIA+ do estado do Pará, como usar a música como instrumento para divulgar suas mensagens e ainda fazer elas chegarem nos mais diversos espaços e pessoas, saber como essa música dialoga e se torna mais acessível para todos, afinal a música está se tornando cada vez mais um espaço democrático onde qualquer um pode ocupar?! Uma coisa é certa, de alguns anos pra cá, várias pessoas estão sendo representadas nesses espaços, como LGBTQIA+, mulheres e pessoas negras, algo que antes principalmente pra população LGBTQIA+ não acontecia. No estado do Pará essa realidade não é diferente.

“um dos momentos mais belos da jornada humana. É o oprimido tomando o destino em suas mãos, reinventado céus e terras, recriando Deus à sua imagem e semelhança, arrancando do fundo de si as raízes do sofrimento e da desigualdade, desenhando para si um futuro, um destino, uma honra. É um gesto se bravura e de pura poesia. É um gesto de fé - e a fé, como um bom reggae, permanecerá sempre sob a guarda de algum mistério.”
(CARDOSO, 2017 p.16)

Por isso em nossas entrevistas procuramos representar na medida do possível todos LGBTQIA+, nas mais diversas existências, seja uma pessoa negra ou branca, trans ou cis e das mais diversas idades. Mesmo que hoje no Estado, até o momento que esse trabalho de conclusão de curso foi feito, nós ainda não temos, por exemplo, uma cantora trans, pessoas queer, interssexual, assexual e outras mais, sendo assim podemos também analisar como os artistas que já estão na música brasileira feita no Pará podem incentivar o aumento da diversidade na música do Pará.

É necessário avaliar como essa música essa sendo apropriada e recebida nos mais diversos espaços e nas mais diversas pessoas: “Um estudo de comunicação de massa não pode se contentar em analisar os discursos e as imagens difundidos. Um estudo completo deve prestar tanta ou até mais atenção ao que os consumidores fazem com o que eles consomem. Eles não assimilam passivamente os programas divulgados. Eles se apropriam deles reinterpretam-nos segundo suas próprias logicas culturais”. Denys Cache em seu livro A Noção de Cultura nas Ciências Sociais na pagina 159.

Vamos através dessas entrevistas com os mais diversos artistas da música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ descobrir os efeitos dessa música nas pessoas que consomem ela e também se essa música serve como um instrumento de resistência e de divulgação da luta LGBTQIA+.

“A identidade repousa em um sentimento de ” fazer parte” de certa forma inato. A identidade é vista como uma condição imanente do individuo, definindo-o de maneira estável e definitiva. “(CUCHE, 1999, p.178)

Vamos entrevistar diversos nomes da música brasileira feita no Pará na atualidade para entender todas essas questões, também vamos falar com artistas que tem trabalhos solos ou bandas, que são instrumentistas ou não, mulheres e homens, trans ou cis, performáticos ou não e dos mais diversos ritmos e sonoridades, vamos também entender outras lutas que eles carregam além de serem LGBTQIA+, vai desde alguns serem negros, mulheres, drag queer, oriundos do interior do Pará, de bairros periféricos de Belém e de classes sociais diversas.

Nomes dos 13 artistas selecionados para as entrevistas e seus suplentes:

- 1- Anna Suave
- 2- Dama Blackout
- 3- Inesita
- 4- Dona Sandra
- 5- Flor de Mururé
- 6- Jeff Moraes
- 7- Bea Santos - Guitarrada das Manas
- 8- Renata Beckman - Guitarrada das Manas
- 9- Jimi Brito - Bando Mastodontes

- 10- Bruna BG
- 11- Daniel ADR
- 12- Priscila Duque - Cobra Venenosa
- 13- Aila

4 CAPÍTULO – O QUE OS ENTREVISTADOS TÊM PRA NOS DIZER

“As Bi, as Gay, as Trava e Sapatão. Tão tudo organizadas pra fazer revolução”. (Palavra de ordem em marchas LGBTQIA+).

Questionário para os entrevistados:

- 1- Apresentação do entrevistado. (Qual nome, idade, naturalidade, sexualidade, gênero, profissão extra e há quanto tempo está fazendo música)
- 2- Quando você se entendeu como LGBTQIA+?
- 3- Teve alguma referência ou artista que te inspirou a entrar na música?
- 4- Qual motivo te motivou a seguir a carreira musical?
- 5- Um LGBTQIA+ encontra mais problemas que um hétero na carreira musical? Quais são os principais problemas?
- 6- Você acredita que a música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ é um instrumento de resistência? Ela é democrática?
- 7- Você acredita que a música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ ajuda a divulgar a luta LGBTQIA+?
- 8- A música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ ajuda de alguma forma no seu bem-estar?
- 9- O acredita que seu trabalho ajuda de alguma forma a população LGBTQIA+? Tens algum exemplo para falar?
- 10- Você teria alguma consideração ou gostaria de acrescentar alguma vivencia ou experiência de vida que possa somar na pesquisa?



4.1 - Analisando as dificuldades de uma pessoa LGBTQIA+ no mercado da música no Pará.

Foi unânime entre os 13 entrevistados, todos eles responderam “sim” para a pergunta de número cinco do questionário, uma pessoa LGBTQIA+ encontra mais problemas que uma pessoa hétero para seguir na carreira musical. Utilizamos da fala da vocalista do grupo de carimbó Cobra Venenosa, Priscila Duque, que é uma das entrevistadas que da maneira mais prática respondeu a essa pergunta: “com certeza alguém LGBTQIA+ encontra mais problemas em qualquer espaço, né? Porque faz parte de um grupo que é estigmatizado e que sofre preconceitos vários, por conta de uma sociedade homofóbica e heteronormativa”.

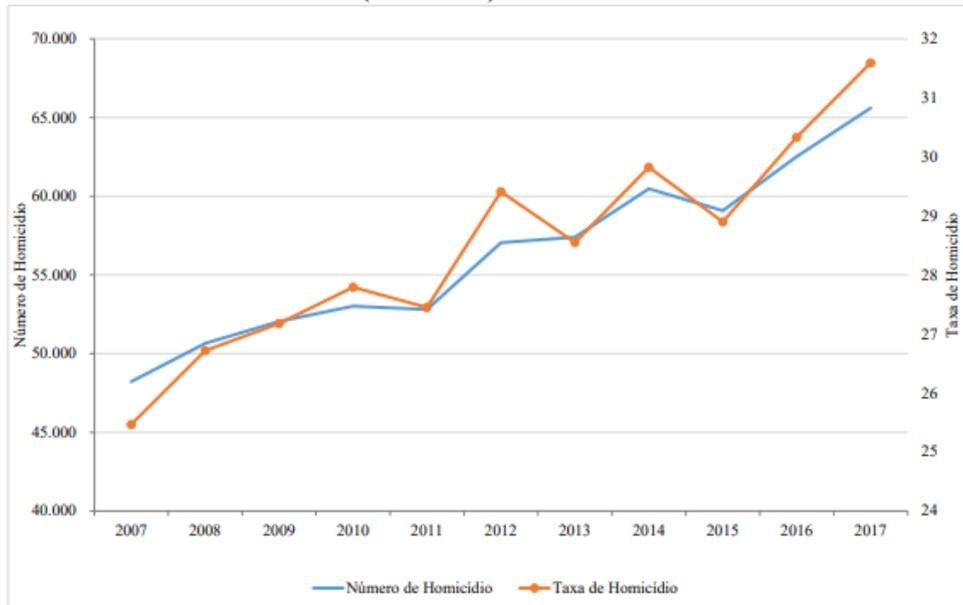
Para entendermos ainda mais sobre essas dificuldades, a falta de apoio do estado com os LGBTQIA+, usaremos a fala de outra entrevistada a instrumentista do grupo Guitarrada das Manas, Béa: “Assim como em todas as profissões obviamente um LGBTQI+ sofre muito mais que o hétero, primeiro por que você tem uma porcentagem mínima de LGBTs dentro desse espaços formais de trabalho e isso justamente por não ter uma política pública de incentivo à diversidade dentro do trabalho formal e não haver o debate sobre a inclusão dessas pessoas”. Ser LGBTQIA+ no Brasil já põe em risco sua existência, por tanto põe em risco qualquer carreira que um LGBTQIA+ tente, é uma luta diária, já é uma vitória estar vivo nessas situações, afinal além de lutar diariamente pela sua existência, um LGBTQIA+ tem que se manter são, mesmo que quase diariamente receba notícias sobre o genocídio de sua população, podemos vê isso de uma maneira bem clara no livro Lado Bom Lado Ruim de Jean Wyllys quando ele relata: “No momento em que termino este texto, leio em O Globo que uma criança de oito anos foi espancada até a morte pelo próprio pai, no Rio de Janeiro, porque gostava de dança do ventre e de lavar louça; o pai a espancou para que “tomasse jeito de homem”. Alex teve o fígado dilacerado de tanto apanhar. Sei bem que o menino não é o único a conhecer sorte tão trágica motivada por homofobia. Conheço bem as estatísticas dos crimes homofóbicos, ainda que sejam imprecisas, certamente. Mas é a imagem de Alex beijando a barriga de sua mãe grávida que tenho hoje diante dos olhos, bem como o relato da violência que ele sofreu. Como não pedir ao leitor que pense nele? Como não pedir ao leitor que jamais se esqueça de que não são só políticas e identidades que estão em jogo, mas, antes, afetos e vidas?”

São vidas em jogo todo dia, além dessa falta de apoio no estado para informar a população sobre respeito do que não é heteronormativo, vários relatos dos entrevistados falaram sobre a dificuldade e preconceito das casas de show da cidade, Fabrício Figueiredo é outro entrevistado nessa pesquisa de conclusão de curso, ele vive a persona da drag Dona Sandra e falou sobre esse preconceito: “Aqui em Belém não tem tanta casa de show pra fazer os shows, né?! Da galera... e aceitação, ainda é, hoje não, mas antes era bem complicado, hoje a gente ainda encontra umas restrições, mas não são tantas, mas ainda rola o preconceito, ainda rola aquela questão de não é o público que eu quero pra minha casa de show”. Não basta nascer e ter sua existência em eterno risco, LGBTQIA+ precisam sempre lutar para ocupar os espaços, lutar contra uma sociedade que oprime e destrói sua população.

“atitudes homofóbicas profundamente enraizadas, muitas vezes combinadas com uma falta de proteção jurídica adequada contra a discriminação em razão de orientação sexual e identidade de gênero, expõem muitas pessoas LGBT, de todas as idades e em todas as regiões do mundo, à violações evidentes de seus direitos humanos. Elas são discriminadas no mercado de trabalho, nas escolas e nos hospitais, e maltratadas e rejeitadas por suas próprias famílias. Nas ruas das cidades ao redor do mundo, são as escolhidas para o ataque físico – espancadas, agredidas sexualmente, torturadas e mortas. Em cerca de 76 países, leis discriminatórias criminalizam relações consensuais privadas entre pessoas do mesmo sexo – expondo indivíduos ao risco de serem detidos, acusados e presos” (ONU, 2013).

No site da ABGLT há o Atlas da Violência contra pessoas LGBTQIA+ de 2019, para entendermos melhor toda violência que a população LGBTQIA+ sofre em relação a população heterossexual.

Brasil: número e taxa de homicídio (2007-2017)



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência da vítima foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

Tal problema ganha contornos ainda mais dramáticos quando levamos em conta que a violência letal acomete principalmente a população jovem. Para se ter uma ideia, 59,1% do total de óbitos de homens entre 15 a 19 anos de idade são ocasionados por homicídio, conforme destacado na tabela 1.1.

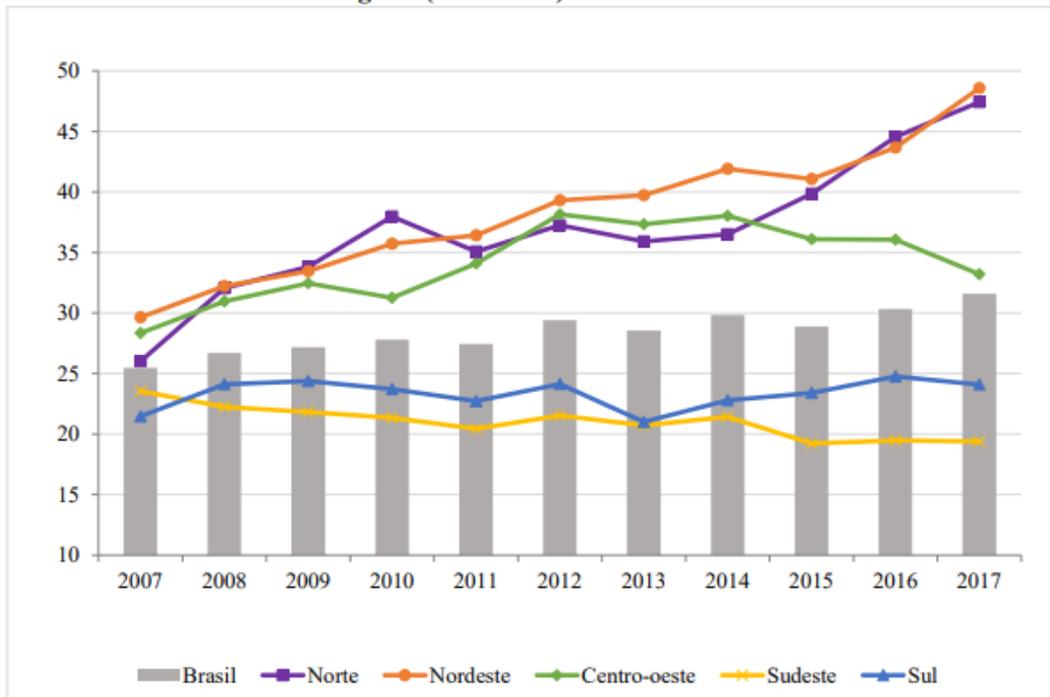
TABELA 1.1

Brasil: proporção de óbitos causados por homicídios, por faixa etária – Brasil (2017)

Faixa e tária =>	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69	Total
Masculino	18,4%	59,1%	55,7%	45,1%	35,3%	23,9%	14,3%	8,2%	4,5%	2,5%	1,4%	0,8%	14,7%
Feminino	7,4%	17,4%	15,5%	12,2%	8,8%	5,2%	3,0%	1,6%	1,0%	0,5%	0,3%	0,2%	2,2%
Total	14,1%	51,8%	49,4%	38,6%	28,6%	18,2%	10,5%	5,8%	3,2%	1,7%	0,9%	0,5%	10,4%

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. Os homicídios incluem agressões e intervenções legais (CID-BR-10). Não se levou em conta os óbitos com cujo sexo da vítima era ignorado. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

Taxa de homicídio no Brasil e regiões (2007-2017)



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na Região de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

De acordo com o Atlas da Violência o norte do Brasil é a segunda região com a maior taxa de homicídio ficando bem perto do nordeste.

4.2 – A música como instrumento de resistência

“Sem dúvida nenhuma a música paraense feita por LGBTs é um dos maiores símbolos de resistência da comunidade LGBT, então tem que ser mais gritado quando há sapatão no palco, tem que ser aclamado quando há um viado em cima do palco, quando há um boy, uma mana trans, uma mana trava, isso tem que ser anunciado por todos os cantos porque é um espaço muito difícil e estar nele é símbolo de muita luta, muita resistência, de muito caminho percorrido, de muito soco dado na cara dos boys escroto pra conseguir alcançar esse espaço.” Bea Santos no anexo.

Foi mais uma vez unânime entre nossos entrevistados que a música é sim um instrumento de resistência, como falamos no decorrer desse trabalho de conclusão de curso a representatividade é algo fundamental, inspira e encoraja LGBTQIA+ a se assumirem e ocuparem espaços, para exemplificar isso, iremos usar a reposta do cantor Daniel ADR um dos primeiros LGBTQIA+ no Rap do Pará que fala: “Sim, eu acredito que a música feita no Pará por LGBTs ajuda a divulgar a luta por LGBT, também a luta LGBT, tanto de forma direta tanto de forma indireta, por que eu por exemplo quando eu me assumi bissexual eu acho que aqui no estado eu não conhecia nenhum artista que era LGBT no rap, eu não conhecia nenhum no rap que era LGBT e a partir do momento que tem uma pessoa que cria coragem de se assumir de falar eu sou do rap, mas sou LGBT também, acho que isso também encoraja outras pessoas que são LGBTs a quererem entrar pro rap também, ou que são do rap e tem vontade de também ter essa coragem de falar bom, eu sou LGBT, mas também sou do rap”, isso mostra o quanto é importante se assumir para reconstruir ou melhor destruir esse padrão heteronormativo da sociedade.

Como fala Jean Wyllis em seu livro Lado Bom Lado Ruim: “Somos criados em um horizonte heteronormativo. A heterossexualidade é hegemônica, nós a aceitamos como o normal, o padrão.” Esse padrão faz com que qualquer outro padrão diferente dele sofra opressão, por isso é tão necessário ocupar espaços e assim pode se perceber melhoras, o cantor Flor de Mururé que é o primeiro cantor trans do Pará falou sobre isso na sua entrevista: “Eu acredito muito que a música brasileira feita no Pará por LGBTs é um instrumento muito rico de resistência sabe? Podemos vê vários artistas novos ganhando visibilidade através da música, através de um grito mesmo né? De um grito de liberdade, um grito de vivencias, uma pluralidade sabe? E o Pará ele tem sim grandes artistas LGBTQIA+ que compõe e que estão cada vez mais ocupando seus espaços que é pra ser ocupado e ganhando né? Ganhando cor, vida através da música, através de várias outras formas de fazer artes sabe? Pessoas LGBTs no âmbito artístico musical, no âmbito de desenhista e tal, em vários campos da arte os LGBTQIA+ estão dominando sim e isso é fato, no Pará isso é fato, da pra se vê, a gente consegue vê cada vez mais artistas LGBTQIA+ e isso é uma evolução, isso é revolucionário, revolucionário sabe? Eu vejo cada vez mais pessoas, até então eu via poucas, pouquíssimas pessoas LGBTQIA+ nos palcos, eu quase não via ninguém, hoje eu já vejo (...)”, a palavra revolucionário usada pelo cantor Flor de Murure, é um relato emocionado sobre a revolução

que é vê mais LGBTQIA+ ocupando espaços, onde normalmente não se via LGBTQIA+, o cantor Flor de Mururé na entrevista faz um questionamento e nos faz refletir sobre opressões principalmente sobre pessoas Trans e Travestis "(...) No meio escolar você não vê pessoas trans, quantas travestis você vê? Quantos homens trans você vê? Quantos boycetas você vê? Numa escola, num ensino médio, numa escola de música, se formando entendeu? Porque nos é negado, nos é negado, falando enquanto pessoa trans(...)", aos poucos essa realidade vai mudando, aos poucos pessoas LGBTQIA+ estão ocupando espaços e no Youtube tem uma entrevista do programa Estação Plural da Tv Cultura com Jean Wyllys onde ele fala aos 06:08 de vídeo que "'Eu aposto sempre na resistência, eu acho que quando o ambiente ta muito assim essa sofrevidam, essa busca, tudo ao mesmo tempo agora, eu acho que surge sempre uma resistência, as pessoas começam então a reagir" no Pará pela primeira vez temos um cantor trans na música, temos uma travestir e essa ocupação é uma maneira de resistir, de começar a reagir, de fazer presente e existente, sendo assim a sétima pergunta do questionário também se faz respondida aqui.

“ajuda a divulgar a luta? Com certeza porque cada movimento, cada aparição, cada foto, cada vídeo, cada saída de casa dos artistas LGBTQIA+ é uma divulgação, é uma forma de fazer a arte e mostrar a arte, então tudo, tudo, qualquer coisinha, qualquer detalhe ajuda com certeza nessa luta” SANDRA, Dona

4.3 – É preciso estar bem para revolucionar.

“Que essa canção esteja com você, toda vez que você morrer” (Trecho de uma música de Antônio de Oliveira e Flor de Mururé)

Nossa pesquisa teve mais uma resposta unânime, na pergunta de número oito, todos os entrevistados falaram que a música feita por LGBTQIA+ no estado do Pará ajuda em seu bem-estar, a guitarrista Bea falou muito bem sobre todos os sentimentos que juntam o bem-estar que a música lhe traz: “Com certeza, eu estar vendo artistas LGBTs estarem ocupando esses espaços é o que me faz me movimentar, é o que me faz seguir nesse rumo, é o que me faz querer dar mais apoio aos nosso também” com toda certeza os mais intensos verões não vieram de apenas uma andorinha, essa pergunta de número oito na entrevista vem pra



demonstrar isso, Jeff Moraes explica: “...preciso transparecer na minha arte, aquilo que eu falo, aquilo que eu sinto, aquilo que vem de mim e eu acho que quanto mais artistas compõe, falem sobre sua sexualidade, sobre recorte de gênero, mais a gente se sente fortalecido e isso me faz muito bem.”, esse bem-estar precisa está na reflexão dos artistas, esses artistas estarem vivos e vivas, estão enfrentando as estatísticas, reflexão que Anna Suave (anexo L) nos trouxe na sua entrevista, outra reflexão é sobre essa ocupação de artistas LGBTQIA+ nesses espaços, foi com essa entrevista que a instrumentista Renata Beckman da banda Guitarrada das Manas refletiu “eu nunca tinha parado pra pensar sobre isso, mas acredito que faça sim, eu acho importante como LGBT ne?! Tipo que existam artistas também juntos comigo que façam essa linha de frente, que falem das suas vivências e botem meio que isso na sua música, no seu projeto, eu acho que sim, realmente ajuda.” Fazer esses artistas LGBTQIA+ olharem pra outros artistas LGBTQIA+ e se sentirem bem com essa ocupação e com o trabalho do outro é o começo de um grande e longo verão.

"Essa sociedade homofóbica que quer negar sua própria homofobia, ou sua homo ou lesbi, transfobia, essa sociedade sempre me excluiu, sempre negou meus direitos, então eu abandonar essa luta é abandonar a mim mesmo, eu jamais vou abandonar" (Vídeo do Youtube em que Jean Wylls é entrevistado do programa Estação Plural da Tv Cultura aos 30:10).

4.4 – É na luta e na música que a gente se encontra!

Nesse sub capítulo a palavra chave é representatividade e vamos começar falando sobre o impacto que a música brasileira feita no Pará por LGBTQIA+ trouxe para o público nas palavras dos nossos entrevistados, começando pela instrumentista Béa que falou: “É o que eu mais espero na verdade, que quando meu trabalho provoque alguma reflexão ou que também motive outros LGBTs, eu sinto que é o que ta (sic) valendo pelo trabalho, é o que eu realmente quero atingir, acredito que o exemplo mais recente que eu tive em relação a isso, foi quando eu estive tocando no Rock In Rio e recebi mensagens de manas pretas, manas lésbicas dizendo que estavam imensamente felizes junto com a gente pelo fato de a gente carregar toda uma mensagem por trás da nossa música, de levar conosco também essas mulheres e as nossas vivências”.

Quando a música chega de alguma forma nas pessoas, ela passa uma mensagem, desperta um sentimento e quando isso serve para melhorar a vida de alguém, ou servir de



exemplo pra alguma pessoa conseguir melhorar sua vida é exatamente o que esse trabalho de conclusão de curso quer refletir. A representatividade se faz presente no simples fato de existir, para Renata Beckman a parceira de Bea no grupo Guitarradas das Manas tudo isso que a música traz pras pessoas da pra sentir "... um trabalho de falar sobre a comunidade LGBT, sobre o que é ser LGBT, sobre fazer música e ser LGBT...a gente percebe isso depois que a gente sai do palco, quando as pessoas falam as coisas pra gente nas redes sociais entendeu? Sobre como é importante o que a gente ta (sic) fazendo."

Representatividade vai além de ajudar quem se sente representado, é uma troca, faz o artista se sentir bem, faz com que ele se fortaleça pra continuar fazendo seu trabalho, cada vez que seu publico elogia, se identifica com as questões abordadas, é uma troca forte com o artistas, o cantor Flor de Murure falou bastante sobre isso em sua entrevista "...Eu fico muito feliz quando uma pessoa vê a minha música, já sabe a minha música e canta a minha música, como se aquilo já fizesse parte da vivencia daquela pessoa sabe? Já chegaram muitas pessoas e falaram assim pra mim " Manini, você tem que gravar a suas músicas, você tem que gravar, isso faz parte, isso faz parte da vivência de muito de nos, faz parte da vivência de pessoas trans, faz parte sabe?" E muitas pessoas precisam escutar porque esse é o problema sabe? ...Questões de vivências sobre uma pessoa trans não ter onde dormir e isso é normal sabe? Muito normal, uma pessoa trans dormir no banheiro de um prédio sabe? Por exemplo. Então isso são coisas normais, fora as outras coisas normais que não deveriam ser normais sabe? Então ajuda muito nesse sentindo porque é a realidade e ela nunca é dita né? Então essa letra ela é dedo na ferida, que cutuca a ferida mesmo, que incomoda mesmo e é pra incomodar, incomoda no sentindo de ser real, de ser puro sabe? Nada mais nada menos que a realidade incomoda, a verdade incomoda quando é dita na cara dura das pessoas sabe? É por isso que eu digo que canto pra pessoas trans, porque vários cantos já nos foram negados, tantos cantos, eu digo vários cantos tanto como casas e cantos de música mesmo sabe? Então não tem porque a minha música, o meu alicerce, o meu principal sabe?... E eu fico muito feliz cada vez que uma pessoa trans o seu igual vem e continua com isso e chora sabe? Égua cara, já choraram pra mim, umas três pessoas e isso é lindo, isso é a coisa mais linda que eu posso vê, ai sério, eu começo a me emocionar porque é real sabe? E pra eu continuar, pra eu ir continuando, que esse que é o caminho, pra eu nunca parar e sério ouvir essas palavras de uma pessoa que é igual a você e que precisava escutar aquilo, porque a vivência dele também foi foda sabe? Isso

é lindo demais sabe? Lindo, não tem explicação, não tem palavra, essa pergunta foi a que mais me tocou entendeu? Então é isso."

Música anda de mãos dadas com a emoção, principalmente quando ela se torna um instrumento de representatividade de uma luta, são várias músicas que contam histórias que já aconteceram com várias pessoas, por isso a identificação, a música se conecta com as pessoas e não só a música, ela se junta a outras expressões artísticas como a dança, dançar é uma maneira de se conectar com a música, Priscila Duque nos conta um pouco da sua vivência: "...Na infância, porque eu sempre gostei das brincadeiras dos meninos, eu sempre gostei de jogar bola, porque eu batia, brigava, eu era da peteca, só não era muito da pipa, então assim eu me sentia as vezes, meio assim né? Nem tão feminina, mas ao mesmo tempo sempre gostei muito de coisas extravagantes de brilhos e tal, então eu me sentia muito assim que isso né? Eu gosto de jogar futebol, adoro brincar com os moleques na rua, mas eu adoro também me passar um batom e me achar linda, feminina, aí então quando eu canto Flor de Mururé é uma música que me atravessa muito, que sai também assim muito das minhas entranhas e ela atravessa também, eu sinto muito as pessoas, a comunidade LGBTQIA+ sempre dançam, performam, eu vejo nos olhos assim né? Uma identificação, um carinho, um momento de felicidade, de libertação assim, os corpos em movimentos andrógenos, nem requebrados marcados da cadência feminina ou necessariamente masculina e eu gosto muito de dançar também essa música e acaba que a galera vai no meu embalo como eu danço e eu acho isso também a coisa mais linda assim, então eu acho que liberta o corpo, liberta a cabeça e esse movimento né? Circular né? Do corpo livre, do corpo que se movimenta e é sexy, mas também é fluido assim, é orgânico sabe?....", também vamos citar outra fala de Priscila, contando como sua música ajudou uma pessoa: "...uma vez eu tava na turnê independente do Cobra Venenosa e eu tava numa clínica que é referência que é o Nise da Silveira, e quando eu comecei a cantar a Flor de Mururé né? "Mururé era um menino, Mururé era um menino, que queria ser menina, que queria ser menina" quando eu cantei tinha um menino que tava o tempo inteiro com o rosto com o semblante muito fechado...mas esse menino tava muito sério o tempo inteiro, depois né? Que eu soube que ele era paciente, e aí quando eu comecei a cantar essa música ele se levantou veio na minha direção e começou a dançar comigo, e sorriu, depois me abraçou, disse que eu era cheirosa e blá blá e eu senti que o corpo dele queria se libertar sabe? Que aquele corpo tava de certa medida muito aprisionado e ali naquele espaço psiquiátrico, mas



quando ele ouviu veio tocado pela música veio interagir comigo e a gente construiu uma conexão linda, através da música a gente se conectou."

5 METODOLOGIA

Esse trabalho de conclusão de curso usou como base a pesquisa da filósofa estadunidense Judith Butler em seu livro *Feminismo, Identidade e Gênero* e seu tipo metodológico se baseia no mestre e doutor em Ciências Sociais Antonio Carlos Gil onde se executa através de um processo documental, além da pesquisa bibliográfica trabalhou com dados que ainda não foram tratados.

Esse trabalho de conclusão de curso através de um questionamento sobre a força que a música poderia ter para auxiliar as lutas das minorias, desde a luta negra, luta LGBTQIA+, luta feminista e de classe dentro do estado do Pará, já que o pesquisador desse trabalho de conclusão de curso é cantor e compositor nascido no estado do Pará, militante dos direitos humanos, também é assumidamente gay, por isso o foco na questão LGBTQIA+, que mesmo com esse foco, não descarta as outras lutas na pesquisa, já que elas andam ligadas.

A pesquisa foi realizada através de entrevistas semiabertas com artistas nascidos no estado do Pará ou que fazem música no estado do Pará, todos os artistas entrevistados também são assumidamente LGBTQIA+ e para uma maior representatividade procuramos incluir os mais diversos artistas LGBTQIA+, nas entrevista priorizamos a diversidade, desde pessoas cis e trans, pessoas negras, mulheres e homens, além de incluir as mais diversas orientações sexuais.

As entrevistas foram feitas por redes sociais ou pessoalmente e tinham como objetivo descobrir se a música que esses artistas estão produzindo se torna um instrumento de luta LGBTQIA+, se essa música ajuda a divulgar e melhorar a vida de LGBTQIA+ no estado do Pará.

Para chegar nas perguntas do questionário levamos como base as palavras representatividade e humanidade, por isso tivemos o intuito de saber como essas pessoas LGBTQIA+ se aceitaram, se reconheceram, entender suas trajetórias na música, assim questionamos sobre a importância da representatividade e desses artistas ocuparem lugar e a opressão que sofrem em suas carreiras por serem LGBTQIA+, assim voltamos a falar de

humanidade quando nos questionamos sobre a força que essa música tem e o como ela pode ser um instrumento de luta, de bem estar e de auxílio para outros LGBTQIA+.

Nossos entrevistados nos enviaram a suas respostas através de redes sociais, mandando textos e mensagens de áudio, onde podemos transcrevê-las e podem ser consultadas nos anexos desse trabalho de conclusão de curso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão de curso veio buscar através de entrevistar com artistas LGBTQIA+ paraenses se as suas músicas podem ajudar a divulgar a luta LGBTQIA+ no estado e ainda ser um instrumento de resistência e luta.

Nosso trabalho foi se baseando na filósofa estadunidense Judith Butler sobre suas teorias em cima de identidade e gênero, assim procuramos entender o passado da música brasileira feita no Pará, falando e mostrando a história de Elói Iglesias o LGBTQIA+ mais velho da música brasileira feita no Pará que está em atividade, também vamos entender toda as mudanças que a sigla da comunidade LGBTQIA+ foi recebendo e entender seu significado, já que hoje a sigla inclui hoje gênero e orientação sexual, assim vamos falar sobre os corpos políticos, vamos entender com nossos entrevistados que suas existências, apenas o fato deles existirem, já é um ato político e já é uma forma de lutar, subir em um palco e ser mulher, ser trans, travestir ou uma pessoa que não segue os padrões normativos de vestimenta, já é uma grande instrumento de luta, por isso podemos entender que a música apenas se reforça com a existência desses artistas.

Vimos com eles que suas músicas se tornam grandes instrumentos de luta e representatividade e isso ajuda sim no bem-estar das pessoas, ajuda a entender suas realidades, ajuda a entender suas origens, suas lutas e principalmente lhe dão o afago de não se sentirem só, que sua orientação ou seu gênero são situações extremamente normais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

AGUIAR, André Andrade de. **Avaliação da microbiota bucal em pacientes sob uso crônico de penicilina e benzatina**. 2009. Tese (Doutorado em Cardiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BAVARESCO, Agemir; BARBOSA, Evandro; ETCHEVERRY, Katia Martin (org.). **Projetos de filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. *E-book*. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/projetosdefilosofia.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2011.

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. *In*: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (org.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16.

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Net**, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <http://www.brazilnet.com.br/contexts/brasilrevistas.htm>. Acesso em: 28 nov. 1998.

OTTA, Lu Aiko. Parcela do tesouro nos empréstimos do BNDES cresce 566 % em oito anos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 131, n. 42656, 1 ago. 2010. Economia & Negócios, p. B1.

VERÍSSIMO, L. F. Um gosto pela ironia. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 47, n. 16.414, p. 2, 12 ago. 2010. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&action=flip>. Acesso em: 12 ago. 2010.

INTERNET

Vídeo do Youtube - PAPO NO TUCUPI com o cantor e ator paraense ELÓI IGLESIAS:
<https://www.youtube.com/watch?v=zeTUUs60RMs>

Vídeo do Youtube - A música e os corpos políticos, com Linn da Quebrada:
<https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4>



Tempo bom tempo ruim, identidades, políticas e afetos – Jean Wyllys

A Noção de Cultura nas Ciências Sociais – Denys Cache

<https://bluevisionbraskem.com/desenvolvimento-humano/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>

Carimbo Patrimônio Imaterial do Ipha: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1052>

IBGE dados da população do estado do Pará: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/panorama>

Vídeo no Youtube do Professor Guilhaerme Terrieri: Rita em 5 minutos – LGBTQIA+
<https://www.youtube.com/watch?v=EREoc40JBr8>

Orientações Sobre Identidade de Gênero conceitos e Termos - Jaqueline Gomes de Jesus.